

Pará: caiapós libertam refém, mas ameaçam queimar outros

Dos 16 pescadores aprisionados, um foi libertado ontem e dois teriam fugido. Negociador da Funai chega hoje. Índios querem demarcação de suas terras, que está emperrada na Justiça

O dia foi de expectativa para as famílias dos 16 pescadores (dez de Avaré, no interior de São Paulo, e seis de Novo Progresso, no Pará) tomados como reféns pelos índios caiapós da reserva Baú, em Altamira, no sul do Pará, desde sexta-feira. Um dos reféns foi libertado ontem à noite: o aposentado Frederico Landi, de 69 anos, de Avaré, que é diabético e estava passando mal porque os índios lhe tinham confiscado e quebrado os remédios.

Os caiapós ainda ameaçam matar os outros caso suas terras não sejam demarcadas (o processo de demarcação está suspenso por ações judiciais movidas pela prefeitura de Novo Progresso e por fazendeiros, que consideram exagerado o tamanho da reserva). "Começo a temer pela vida dessas pessoas, pois conheço os caiapós e sei do que eles são capazes", afirmou o chefe do posto da Funai em Colider, cacique Megaron Txucarramãe, que mantém contato pelo rádio com a aldeia.

Megaron confirmou a libertação de Landi, mas nega que outros dois reféns paraenses tenham sido também libertados — Ermi Silva, de 41 anos, e seu filho, Michael, de 11 anos, que estava com febre. Segundo Megaron apurou, eles teriam fugido.

Reunidos numa clareira a 10 quilômetros da margem esquerda do Rio Curuá, os pescadores estão tensos, cansados, sem comida e com pouca água para beber. Ontem à noite, os índios continuavam impacientes e ameaçam queimar vivos os reféns em uma fogueira se houver nova demora na negociação.

A Funai também informou à

noite que enviou um negociador para dialogar com os índios: Luiz Carlos Carvalho de Sampaio, que já está em Novo Progresso e viaja hoje de lancha até a aldeia onde estão os reféns. Sampaio leva em mãos um documento assinado pelo presidente da Funai, Glênio da Costa Alva-rez, prometendo iniciar nos próximos dias a demarcação da reserva indígena. O negociador também leva comida, água e medicamentos para os reféns. Um delegado e oito agentes da Polícia Federal já estão na reserva, mas os caciques caiapós avisaram que não tratam de seus direitos com policiais. Eles prometeram aguardar a chegada de Sampaio na aldeia.

Pesca legalizada

A família de Landi explica que os pescadores saíram com tudo legalizado e não invadiram terras indígenas, que ficam do outro lado do rio onde estavam.

O grupo não é o primeiro a ser feito refém pelos caiapós da Reserva do Baú. Em julho de 1998, cerca de 80 guerreiros mantiveram em cativeiro durante três dias o chefe interino do posto local da Fundação Nacional do Índio (Funai), Luis Carlos Sampaio, dois caiapós funcionários da Funai e dois garimpeiros. Na época, para dar solução ao problema, o então ministro da Justiça Renan Calheiros prometeu demarcar o território e proibiu a entrada de garimpeiros e mineadoras na área indígena.

Nos últimos anos, foram registrados vários casos de tribos de diversos pontos do País que decidiram capturar reféns para negociar reivindicações ou fazer protestos. Uma das principais ações ocorreu em outubro de 1996, quando índios guajajaras bloquearam a BR-226, em Grajaú, no sul do Maranhão, e aprisionaram aproximadamente cem pessoas que estavam em ônibus, caminhões e veículos. Uma comitiva do governo conseguiu a liberação dos reféns após prometer pavimentar a rodovia — principal exigência dos guajajaras.



LIBERTADO: Frederico Landi, de 69 anos, diabético (no centro), foi solto ontem pelos caiapós

'Eles economizaram o ano todo para a viagem'

Jordelina, a mulher de Frederico, que foi libertado ontem, conta que pescadores não são ricos e não tinham invadido terras indígenas

Familiares dos dez pescadores de Avaré, interior de São Paulo, que desde sexta-feira são reféns dos índios caiapós, no sul do Pará, fizeram um apelo ontem ao presidente Fernando Henrique Cardoso para que ele intervenha pessoalmente nas negociações. "Tenho certeza de que os índios vão acreditar no presidente e liberar nosso pessoal", disse a dona de casa Jordelina Antoneli de Souza Rocha Landi, de 50 anos, mulher do mecânico aposentado Frederico Landi Filho, de 69 anos, o refém que foi libertado ontem. Além de Tico Landi, como é conhecido, outros quatro integrantes da família, os filhos Wilson Roberto Landi e Luis Alberto Landi, o sobrinho André Luis Landi e o genro Emerson

Antônio Martins, estão em poder dos índios.

O comerciante José Roberto Conrado, cunhado de Orlando Donini, de 46, que foi tomado refém junto com o irmão Armando Donini, de 49, acha que o presidente deveria mandar seus ministros para conversar com os índios. "Não dá para ficar passivo diante de uma ameaça a pessoas que não têm nada com o problema das terras indígenas."

Famílias conhecidas

As famílias Landi e Donini são muito conhecidas em Avaré. Orlando Donini é agrônomo e produtor rural em sociedade com Armando. Os Landi são, na maioria, artesãos e mecânicos. As famílias uniram-se às dos outros reféns, Wilmar Barbosa Campos, Luis Fernando Ribeiro e Luis Carlos da Silva, na ansiedade pela busca de notícias. As duas filhas pequenas de Silva, que trabalha consertando eletrodomésticos, tiveram febre à noite, de saudades do pai. Os pescadores partiram de Avaré no dia 20 de julho e deveriam estar vol-

tando ontem. "Nenhum deles é rico e economizaram o ano inteiro para a viagem", disse Jordelina, mulher de Frederico. O marido não deixa passar o ano sem pescar. "Eles foram para o Pará a convite de um amigo, Moacir Camargo, irmão do dono das terras onde os índios os pegaram."

Segundo Jordelina, Camargo passou uma semana em Avaré, hospedado na casa dos Landi. "O pessoal resistiu, porque o lugar fica a três mil quilômetros, mas ele insistiu na pescaria." O grupo partiu em três caminhonetes, levando seis freezers, roupas, muito alimento e equipamentos.

No fim da tarde de ontem, os familiares souberam pelo médico Edson do Nascimento, de Sinope, amigo da família, que as negociações estavam avançadas. O filho caçula, Marcelo, de 10 anos, era o mais angustiado.

"Ele fica procurando notícia na TV e não pára de chorar", disse Jordelina. O drama dos reféns praticamente parou Avaré, cidade de 80 mil habitantes, a 270 quilômetros da Capital. Televisores instalados em locais públicos eram disputados pelos moradores. O prefeito Joselyr Benedito Silvestre (PPB) entrou em contato com deputados em Brasília pedindo pressa nas negociações. "Estamos preocupados com a demora na soltura dos reféns."